

A DIVISÃO INTERNA DA UNIVERSIDADE: POSIÇÃO SOCIAL DAS CARREIRAS*

Sergio Costa Ribeiro**
Ruben Klein***

I – INTRODUÇÃO

As crescentes pressões sociais do final da década de 60 por vagas na universidade provocaram a rápida expansão do ensino superior e um desequilíbrio interno neste segmento do sistema de ensino. Isto polarizou as atenções dos responsáveis pela política educacional resultando na discutida e para muitos precoce⁺ Reforma Universitária.

Em que pese a orientação da lei 5540/68 para que a expansão se desse principalmente dentro do Sistema Universitário, na realidade esta expansão deu-se principalmente através de escolas isoladas e no sistema privado de ensino.

Estas alterações provocaram e continuam provocando, na comunidade, discussões e debates onde, geralmente, o prisma de análise é o da qualidade de ensino.

A essa qualidade de ensino associa-se, como mecanismo propulsor, a qualidade da seleção ao ensino superior.

Na realidade este enfoque pressupõe uma homogeneidade do corpo discente que está longe de existir na atual composição da clientela ao ensino superior no Brasil de hoje.

Existem algumas evidências de que não houve, após a expansão de vagas da universidade, um processo de democratização ao nível dos segmentos mais baixos da estrutura social do país; por exemplo: não se nota aumento na participação das categorias de ocupações manuais, quali-

* Trabalho parcialmente financiado pelo projeto "Vestibular: Instrumento de Diagnóstico do Sistema Escolar" – FINEP – cont. nº B/40/79/148/00/00

** Da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

*** Do Instituto de Matemática Pura e Aplicada da UFRJ e do CNPq.

+ Um dos pontos mais discutidos dessa reforma refere-se ao fato de a Reforma Universitária ter precedido a do ensino de 1º e 2º graus.

ficadas ou não, de pais de candidatos classificados. No entanto, mesmo que os percentuais da escala dos outros níveis de ocupação de pais de candidatos classificados indique uma certa estabilidade no período, é provável que tenha havido variação no interior dos substratos contidos nessas categorias, o que certamente indica que a hipótese de mudanças na clientela não pode ser rejeitada baseada nesses dados.

Podemos admitir que antes do processo de expansão de vagas, no início da década de 70, o terceiro grau de ensino estava reservado, em geral, aos substratos mais altos da sociedade. A partir dessa expansão, e num primeiro momento (72-74), os substratos mais baixos das categorias não manuais das escalas de ocupação que passaram a pleitear (e a conseguir) ingresso no terceiro grau, o faziam de forma a não evidenciar muito marcadamente as diferenças de perfil social entre as carreiras. A partir daí observa-se uma estruturação cada vez mais marcante de candidatos e de classificados entre carreiras, tanto quanto ao nível de desempenho, quanto ao nível de estrato sócio-econômico^{1,2}.

Isto está indicando, a um tempo, que pode ter havido alterações de tipo de clientela que tem acesso à universidade, embora dentro de um mesmo estrato, e que ocorreu uma reelitização interna por carreira e por instituição.

O presente trabalho pretende ser uma análise mais profunda e detalhada deste fenômeno, a partir do estudo da situação neste nível de ensino no universo de atuação da Fundação Cesgranrio.

II. FATORES SÓCIO-ECONÔMICOS COMO DETERMINANTES DO DESEMPENHO ACADÊMICO

A influência dos fatores sócio-econômicos no desempenho acadêmico tem sido bastante estudada em todo o mundo e não é, como alguns imaginam, fenômeno característico dos países subdesenvolvidos³.

Entre os estudos que maior impacto causaram na tentativa de desmistificar a democratização de ensino temos os trabalhos de Bourdieu e Passeron⁴. Nestes trabalhos, os autores demonstram que a escola favorece os que já são socialmente favorecidos, excluindo, ao longo do processo escolar, os que almejam alcançar vantagens sociais via escolarização.

Outros autores, estudando o mesmo fenômeno, em outras formações históricas, constatarem situações análogas, como Bowles e Gintis⁵, ao estudarem o Sistema de Ensino Americano.

O fato é que, por mais que se pretendam políticas democratizantes a nível escolar em sociedades internamente desiguais, as diferenças de entrada no sistema, longe de se atenuarem dentro dele, tendem a manter-se inalteradas.

Desta forma, a influência dos fatores sócio-econômicos nas probabilidades de êxito escolar é um tema no campo da educação sobre o qual, hoje em dia, há larga margem de concordância.

Na área de influência do Cesgranrio, o trabalho mais importante foi desenvolvido por H. Lewin⁶, em 1975, que, ao estudar carreiras grupadas por áreas afins, isolou os seguintes fatores: turno diurno ou noturno de estudo no 2º grau, idade e renda familiar como condicionantes da classificação no vestibular.

Recente tese de mestrado⁷, utilizando os dados do vestibular de 1978, elaborou uma divisão de carreiras por desempenho de candidatos e evidenciou como fatores sócio-econômicos determinantes do desempenho em cada grupo de carreiras: o turno, a idade e a escolaridade do pai.

Vale ressaltar que embora as variáveis turno e idade, à primeira vista, não sejam interpretadas como variáveis sócio-econômicas, indicam condições favoráveis de escolarização sempre que a situação é de turno diurno e idade presumível para o término do 2º grau.

O grau de influência desses fatores determina, não apenas a entrada na faculdade, mas a distribuição dos aprovados pelas diferentes carreiras e instituições. Ou seja: quanto maior o prestígio social de uma carreira e instituição, tanto mais necessário um número mais elevado de pontos

para a classificação, o que, por sua vez, como nossos estudos anteriores indicam, está altamente associado a níveis sócio-econômicos mais elevados.

Os dados de que dispomos são coerentes com a idéia geral de que qualquer processo de seleção escolar está fortemente determinado pela estrutura social.

No presente trabalho, tentaremos mostrar que o desequilíbrio no sistema de ensino superior, causado pela rapidíssima expansão de vagas, no início da década de 70, provocou, por uma compensação social, uma reestruturação socialmente elitizante entre as carreiras e instituições de ensino superior.

Além disso, um processo cada vez mais eficiente de pré-seleção dos candidatos às diversas carreiras torna o exame de vestibular um processo de segunda etapa, na seleção ao ensino superior.

Enfim, esta expansão não provocou, como alguns pressupunham, um processo de democratização do ensino superior no Brasil.

III. METODOLOGIA DE ANÁLISE – TÉCNICA ESTATÍSTICA

Para a análise dos dados do experimento foi utilizada uma técnica estatística, análise de correspondência, que é uma generalização da análise de componentes principais para dados categóricos. Seu objetivo é descrever e resumir as informações contidas nos dados através de uma redução da dimensão dos espaços considerados. Para uma descrição sucinta da técnica, consideraremos uma tabela de contingência $I \times J$, isto é, o cruzamento de I classes A_1, \dots, A_I da categoria A com J classes B_1, \dots, B_J da categoria B . Obtêm-se representações das classes da categoria A como pontos no espaço de dimensão J e das classes da categoria B como pontos no espaço de dimensão I . Em cada um desses espaços será gerada uma distância apropriada, a fim de se poder julgar a similaridade entre as classes de uma mesma categoria, e a frequência relativa de ocorrência de cada classe é utilizada como um peso para essa classe. A seguir, aplica-se, separadamente, uma análise de componentes principais generalizada às representações das classes A_1, \dots, A_I e às representações das classes B_1, \dots, B_J . Dessa maneira, escolhe-se uma dimensão menor que I e J , tem-se, para cada uma das análises, uma representação das classes em um espaço de dimensão p de maneira a "melhor" conservar a informação dos dados. Por exemplo, se $p = 2$, ter-se-á uma representação gráfica no plano com a distância euclidiana usual. Assim, se 2 classes estão próximas na representação original, também estão próximas na representação em p variáveis, e se estão afastadas na representação original, também estão afastadas na representação em p variáveis.

Podem-se representar, graficamente, as classes das duas categorias no mesmo gráfico e essas duas representações são relacionadas. Uma relação existente entre elas é que a coordenada da classe A_i , por exemplo, é, a menos de um fator de expansão, uma média ponderada das coordenadas das classes B_j no mesmo eixo, e vice-versa. Logo, especialmente na periferia dos gráficos, pode-se perceber, em geral, quais classes B_j são mais relacionadas com as quais classes A_i . Em análise de componentes principais, calculam-se também as correlações entre as variáveis originais e as novas variáveis obtidas (as coordenadas no novo sistema de referência), chamadas as componentes principais, a fim de ajudar na interpretação dessas novas variáveis. Faz-se o mesmo em análise de correspondência para cada uma das duas análises feitas. É interessante notar que as correlações das classes B_j , vistas como variáveis na primeira análise de componentes principais generalizada, são relacionadas com as coordenadas das classes B_j na segunda análise de componentes principais generalizada, relação esta que mantém o sinal, e vice-versa.

Para maiores detalhes sobre a técnica, assim como seu desenvolvimento matemático, remetemos o leitor à literatura estatística pertinente^{8,9,10}

IV. AS ESCALAS DE PRESTÍGIO SOCIAL

Foram feitos dois tipos de análise para obtenção de escalas de carreiras. O primeiro, baseado nas médias, por disciplina, no Vestibular, dos candidatos classificados para uma determinada carreira e tipo de instituição (oficial ou particular), foi obtido por meio de uma análise de componentes principais. Em alguns casos, não se separaram os tipos de instituição. O segundo, baseado numa tabela de contingência generalizada, em que as linhas são as carreiras separadas por instituições oficiais e particulares, e as colunas são os fatores sócio-econômicos dos candidatos classificados — turno de estudo, nível de instrução do pai e da mãe, ocupação do pai e renda familiar —, foi obtido por meio de uma análise de correspondência. (ver Tabela 1 da figura 4).

No caso do primeiro tipo de análise obtivemos duas variáveis principais: a primeira pode ser interpretada como o desempenho global dos candidatos classificados por carreira e tipo de instituição; a segunda, como a qualidade dos candidatos quanto ao desempenho relativamente melhor nas diversas disciplinas que compõem o vestibular.

A figura 1 (referente ao Vestibular 79) mostra, claramente, por exemplo, que, apesar de o vestibular da Cesgranrio, a partir de 1976, avaliar os candidatos com o mesmo instrumento para todas as carreiras, a segunda variável (representada no eixo vertical) associa as carreiras a grupos de disciplinas de forma “correta”. Por exemplo, os candidatos de Engenharia e Física são melhores que a média geral nas disciplinas de Matemática, Física e Química; os candidatos de Economia são melhores em Estudos Sociais, enquanto os de Comunicação Social são melhores em Línguas.

É de se supor que isto deva acontecer, já que há sempre uma componente de escolha vocacional, ao longo dos graus anteriores de ensino, que provoca essas diferenciações.

A primeira variável (representada no eixo horizontal), no entanto, por razões que ficarão claras no decorrer do trabalho, merecerá nossa principal atenção.

Com essa primeira variável (figuras 2 e 3), foram construídas as escalas A, B, C e D, que se referem ao período que vai de 76 a 79. Essas escalas refletem, de forma muito nítida, a constância da ordenação das carreiras, havendo apenas pequenas inversões. Esse período já corresponde ao início de uma estabilização do processo de reelitização das carreiras e permite estabelecer o grau de confiabilidade dessa ordenação, já que, em cada ano, os candidatos classificados são necessariamente distintos. O desempenho dos candidatos, em cada carreira e tipo de instituição, fica, então, previsível.

Essas escalas, de outra parte, mostram, claramente, a variabilidade de desempenho dos candidatos classificados para as diversas carreiras, e a ordenação, assim gerada, reflete uma hierarquia relativamente estável.

A análise comparativa da hierarquização, em instituições oficiais e particulares, indica que o desempenho dos alunos, para uma mesma carreira, em instituições oficiais, é sensivelmente superior ao dos matriculados em instituições particulares. Este é o caso praticamente de todas as carreiras, até mesmo das de maior prestígio, como medicina, engenharia etc. Isto significa, para o universo de instituições a que estamos nos referindo, que as oficiais, invariavelmente em quase todas as carreiras, selecionam candidatos, em média, de melhor qualidade.

Mais radicalmente, essas escalas nos sugerem uma elitização que, aparentemente, possa desapercibida às análises oficiais, mas cujas implicações individuais (dos candidatos) e sociais são extremamente relevantes. Trata-se de uma seletividade por instituições (oficiais e particulares) e, além disso, instituições de maior prestígio e menor prestígio. Mas os mecanismos de seletividade social não se esgotam nesta seletividade por instituição. As escalas refletem, de forma bastante contundente, uma seletividade por carreiras. As carreiras de maior prestígio, em geral, abarcam candidatos de melhor desempenho. Dessa forma, poderíamos denominar, por hipótese, esta escala de uma escala de prestígio social das carreiras.¹

No caso do segundo tipo de análise, obtivemos, também, duas variáveis principais. A

1 Foi feita uma análise idêntica, retirando-se a variável ocupação do pai e obteve-se, praticamente, o mesmo gráfico, conservando-se o significado dos dois eixos.

primeira pode ser interpretada como uma ordenação sócio-econômica, no sentido usual do significado dessas variáveis. A segunda, é fortemente relacionada com o turno de estudos no 2º grau.

A figura 4, referente ao Vestibular de 1979, na qual estão representadas, além das variáveis sócio-econômicas, algumas carreiras por tipo de instituição, mostra, claramente, a associação entre as carreiras e as variáveis sócio-econômicas. Observa-se que as variáveis sócio-econômicas utilizadas caminham todas de forma aproximadamente paralela ao eixo 1 (horizontal), mostrando que a escolha das variáveis que determinam a ordenação sócio-econômica é mais ou menos irrelevante.

A figura 5, mostra-nos, lado a lado, as escalas de carreiras (primeira variável) derivadas dos dois tipos de análise (desempenho e sócio-econômica). A inspeção dessas escalas evidencia, claramente, a associação entre desempenho e origem sócio-econômica.

Como mencionamos anteriormente, essas observações sobre as carreiras são pertinentes à teoria do Capital Cultural desenvolvida por Bourdieu e Passeron⁴, quando identificaram para a realidade francesa a importância do *background* cultural².

V. A ORDENAÇÃO DE CARREIRAS: POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES

V.1. Pré-Seleção e Seletividade do Vestibular

Por ocasião da expansão de vagas no início da década de setenta, era cada vez mais difundida a idéia de que a abertura da universidade seria um dos caminhos para a democratização da sociedade. O que na realidade ocorreu foi uma redução da variância social, no interior das carreiras, por tipo de instituição, e um aumento da variância entre carreiras e tipo de instituições. Em outra palavras, as carreiras e instituições de maior prestígio selecionam candidatos cada vez mais homogêneos em termos sócio-econômicos, ao passo que os candidatos de carreira e instituições de menor prestígio se distanciam cada vez mais das características dos primeiros.

O vestibular, atualmente, realiza sua seleção, na realidade, em duas etapas. A primeira, pode ser identificada como a pré-seleção (escolha da carreira por ocasião da inscrição no vestibular). Numa segunda etapa, os exames do vestibular realizam uma seleção já dentro de um universo pré-selecionado.

Os dois mecanismos da seleção, isto é, a pré-seleção e o exame de vestibular, estão sempre fortemente contaminados por fatores sócio-econômicos.

Na medida em que a pré-seleção se torna mais eficiente, dada a transparência das informações sobre os níveis mínimos de desempenho de cada carreira e instituição, o atrito natural nesse ponto de estrangulamento do sistema escolar torna-se menos agudo.

É claro que a unificação do vestibular, a sua estabilidade, organização e confiabilidade do instrumento da medida têm um papel importante na diminuição desse atrito.

Poder-se-ia, a título de exemplo, mostrar como a segunda etapa (exame vestibular) seleciona os candidatos para alguns grupos de carreiras, distribuídas ao longo da escala de prestígio social (ver figura 4).

Podemos escolher dois grupos típicos. No primeiro, notamos que, em cada uma, os candidatos classificados, tanto para instituições oficiais, como particulares, provêm, aproximadamente, do mesmo estrato social. É o caso de arquitetura, medicina, psicologia, nutrição, educação artística e licenciatura em ciências. Entretanto, cada uma dessas carreiras localiza-se em pontos diferentes da escala social. Isso evidencia, entre outros, dois fatos importantes:

1. para essas carreiras, o exame vestibular é uma seleção praticamente meritocrática, na medida em que seleciona os de melhor desempenho para as instituições mais desejadas, as oficiais;
2. na medida em que os candidatos, na forma de classificação realizada na Cesgranrio, competem apenas dentro da *mesma carreira*, e pelo fato de os classificados serem os de *melhor desempenho*, essa distribuição, ao longo da escala social, é um forte indicador da pré-seleção.

² Obviamente, as análises desses autores transcendem o tipo de abordagem que estamos desenvolvendo, não só quanto à extensão, mas, também, quanto ao modelo analítico utilizado.

No segundo grupo de carreiras, observamos um fenômeno seletivo diverso. Nessas carreiras, há uma diferença significativa de posição na escala social e uma diferença significativamente maior de desempenho, entre os classificados em instituições oficiais e particulares (ver figuras 4 e 5). Situam-se aqui engenharia, direito, administração, educação e letras.

Esses são exemplos de carreiras onde a contaminação de fatores sócio-econômicos ultrapassa a pré-seleção e atinge a 2ª etapa de seleção, o exame vestibular. Colocam-se, assim, em geral, candidatos de maior nível sócio-econômico nas instituições oficiais e os de menor nas particulares.

Nota-se que, nas carreiras de baixo prestígio, há uma diferenciação progressivamente mais nítida entre os classificados de instituições oficiais e particulares, quanto ao turno. É preciso notar, ainda, que as carreiras de Educação Artística e Licenciatura em Ciências, apesar de se localizarem em pontos próximos no eixo 1 (sócio-econômico), são, em geral, diferenciadas pela maior participação de candidatos de turno noturno nas instituições particulares.

Isto vem reforçar o que afirmamos anteriormente, sobre a importância da variável turno como indicador no processo de seleção.

V.2. O caráter masculino/feminino na escala de prestígio social das carreiras

Se tomarmos qualquer uma dessas escalas e associarmos a cada carreira o seu caráter masculino/feminino, numa escala de 5 pontos, obtida a partir do trabalho de H. Lewin¹, observamos que as carreiras de mais baixo prestígio são essencialmente femininas, enquanto que as de alto prestígio são marcadamente masculinas.

Na figura 6, propositadamente, foi utilizada uma escala onde a ordenação foi obtida pela variável desempenho. Fica bastante nítida a impressão de que a discriminação da mulher no mercado de trabalho se dá já a nível de escolha de carreira, o que mascara a discriminação salarial.

É preciso notar, entretanto, que essa análise não contradiz as conclusões do trabalho de H. Lewin, já que, apesar desta discriminação, verificou que, dadas as mesmas condições sociais, o desempenho feminino no vestibular, para uma determinada carreira, é, inclusive, ligeiramente melhor do que o masculino.

V.3. Possíveis influências do Mercado de Trabalho

Faltaria aqui todo um estudo paralelo de mercado de trabalho, vendo até que ponto essa escala é influenciada por uma possível transparência de informações sobre esse mercado.

Poderíamos, no entanto, levantar algumas hipóteses baseadas nos dados de 78, 79 e 80 que mostram que o aumento de candidatos está se dando nas carreiras de médio e baixo prestígio, enquanto nas carreiras de alto prestígio o número de candidatos, em alguns casos, está baixando.

Poderíamos imaginar, entre outros, o seguinte mecanismo explicativo: o diploma universitário tem sido denunciado como um mero instrumento de titulação heráldica, principalmente nas carreiras de baixo prestígio.

No entanto, arriscaríamos dizer que, devido à retração geral do mercado de trabalho, e ao excesso de profissionais lançados nesse mercado (como consequência da forte expansão universitária), os candidatos de mais baixo nível sócio-econômico, que antes pleiteavam carreiras de alto prestígio, por uma garantia de ganhos imediatos logo após se graduarem, perdendo essa garantia, deixam de procurar essas carreiras. Para candidatos de nível sócio-econômico mais alto, entretanto, essa garantia não é tão relevante. Para os primeiros, resta a opção de um curso universitário menos exigente, que lhes dará um título, que, pelo menos, os credenciará num mercado de trabalho que eventualmente nem lhes exigia a qualificação profissional que o diploma lhes conferirá.

V.4. Declínio de prestígio em carreiras tradicionais

As carreiras tradicionais do sistema universitário brasileiro: medicina, engenharia, direito, letras e pedagogia (educação) merecem um comentário especial. Antes da expansão das vagas, na

década de 70, já havia uma diferença de prestígio entre essas carreiras, também marcado pela característica masculina/feminina. Hoje, a ordenação de prestígio social mantém-se praticamente inalterada, inclusive no que se refere ao caráter masculino/feminino, com exceção da medicina, que nos últimos anos tem apresentado crescimento significativo da participação feminina¹¹. Após o processo de aumento de vagas, e de reelitização interna do sistema de ensino superior, essas carreiras se distribuíram por toda a escala de prestígio social, desde a medicina, no topo dessa escala, até a educação, na base.

Ocorre que, nessas carreiras tradicionais de mais baixo prestígio, como Letras e Educação, o desempenho dos candidatos tem baixado durante todo o processo de reelitização, já que nessas carreiras, se deu, com mais intensidade, a entrada de substratos de nível sócio-econômico mais baixo no ensino superior.

V.5. Origem profissional das carreiras não tradicionais

Se olharmos de forma geral a escala de ordenação de carreiras, sem nos preocuparmos com as tradicionais, já citadas, ficamos com a impressão que há três grupamentos de carreiras: como indicado na figura 6 pelas linhas tracejadas.

No primeiro grupo notamos um subconjunto de carreiras que, ou formam o magistério de 1º grau, ou provêm de carreiras que até recentemente exigiam apenas esse grau de ensino como pré-requisito profissional.

No segundo grupo, de forma análoga, encontramos carreiras de magistério de 2º grau e aquelas que requeriam este grau como pré-condição profissional.

As implicações desta constatação para o sistema educacional parecem críticas. Está se evidenciando que vivemos numa sociedade onde as pessoas de menor desempenho são selecionadas para trabalhos no sistema de Ensino Fundamental.

E, finalmente, o terceiro grupo constitui, basicamente, as chamadas profissões liberais.

Poderíamos, ainda, a título de mera especulação, dizer que a localização das carreiras de química, matemática, ciências sociais e física, no terço superior do segundo grupo, seria uma consequência da posição privilegiada que essas carreiras têm pelo atrativo que o alto prestígio do sistema de pós-graduação exerce.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise mostra de forma inequívoca que todo o processo de seleção ao ensino superior está fortemente condicionado pela estrutura social.

Esse condicionamento e as características do processo de seleção ao ensino superior provocaram uma estratificação social das diversas carreiras do sistema e instituições oficiais e particulares.

O mecanismo operacional dessa estratificação dá-se em duas etapas. Na primeira, pela pré-seleção por ocasião da inscrição no vestibular e na segunda, pelo concurso em si.

Observou-se que em alguns casos a pré-seleção é tão eficiente que, no exame vestibular, a seleção já é praticamente meritocrática, num substrato social já depurado.

Evidenciamos, também, mais uma vez, que, para trabalhar no ensino fundamental, nossa sociedade está selecionando as pessoas de mais baixo desempenho escolar.

Como vemos, o problema de atribuir ao exame vestibular, à sua forma, à sua estrutura e à sua técnica de avaliação a responsabilidade pelas variações de desempenho, motivação e comportamento dos estudantes nos últimos anos, representa um enfoque reducionista diante do que é apontado por indicadores, como os que acabamos de mostrar.

O perigo de uma análise reducionista deste tipo é que os verdadeiros problemas da educação ficam camuflados, o que pode, eventualmente, gerar políticas corretivas em direções erradas.

VII. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os membros da equipe do Projeto "Vestibular: Instrumento de diagnóstico do sistema escolar" e em particular a Zaia Brandão, Gaudêncio Frigotto, Ana Maria Baeta, Luiz Antonio Cunha e Helena Lewin pelas discussões, críticas, sugestões e estímulo na elaboração desse trabalho.

A Djalma Pessoa, pelos trabalhos iniciais com as técnicas estatísticas utilizadas.

A Elena Judith Ganon Garayalde e Hypolito Kalinowski pelo excelente trabalho de computação.

VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – MOURA CASTRO, C. e COSTA RIBEIRO, S. (1978) – Mudanças na Clientela da Universidade. XXVIIª Reunião do CRUB. Julho.
- 2 – MOURA CASTRO, C. e COSTA RIBEIRO, S. (1979) – Desigualdade Social e Acesso à Universidade: Dilemas e Tendências. *Revista Forum* (a ser publicado).
- 3 – Ver a respeito COLEMAN et alii (1966) – *Equality of Educational Opportunity*. US Department of Health, Education and Welfare. Washington D.C.
- 4 – BOURDIEU, P. e PASSERON (1975) – *A Reprodução*, Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- 5 – BOWLES, S. e GINTIS, H. (1976) – *Schooling in Capitalist America*. N.Y. Basic Books Inc. Publishers.
- 6 – LEWIN, H. (1975) – *Análise do processo de incorporação ao Ensino Superior na Área do Grande Rio*. R.J. Fundação Cesgranrio. (mimeografado).
- 7 – BARBOSA, M.T.S. (1979) – *Modelos Logit para a explicação das chances de classificação no Vestibular*. Tese de Mestrado. IMPA/CNPq.
- 8 – LEBART, L. e FENELON, J.P. (1973) – *Statistique et Informatique Appliquées*: Paris, Dunod, 2ª ed.
- 9 – BENZECRI, J.P. (1976) – *L'analyse des données*. Paris, Dunod, 2ª ed.
- 10 – FERNANDEZ, P.J., KLEIN, R. e YOHAL, V.J. – *Análise de dados multivariados*. A ser publicado.
- 11 – LEWIN, H. (1977) – *Diversificação da Demanda ao Ensino Superior: o comportamento feminino diante da Carreira Universitária*, R.J. Fundação Cesgranrio (mimeografado).

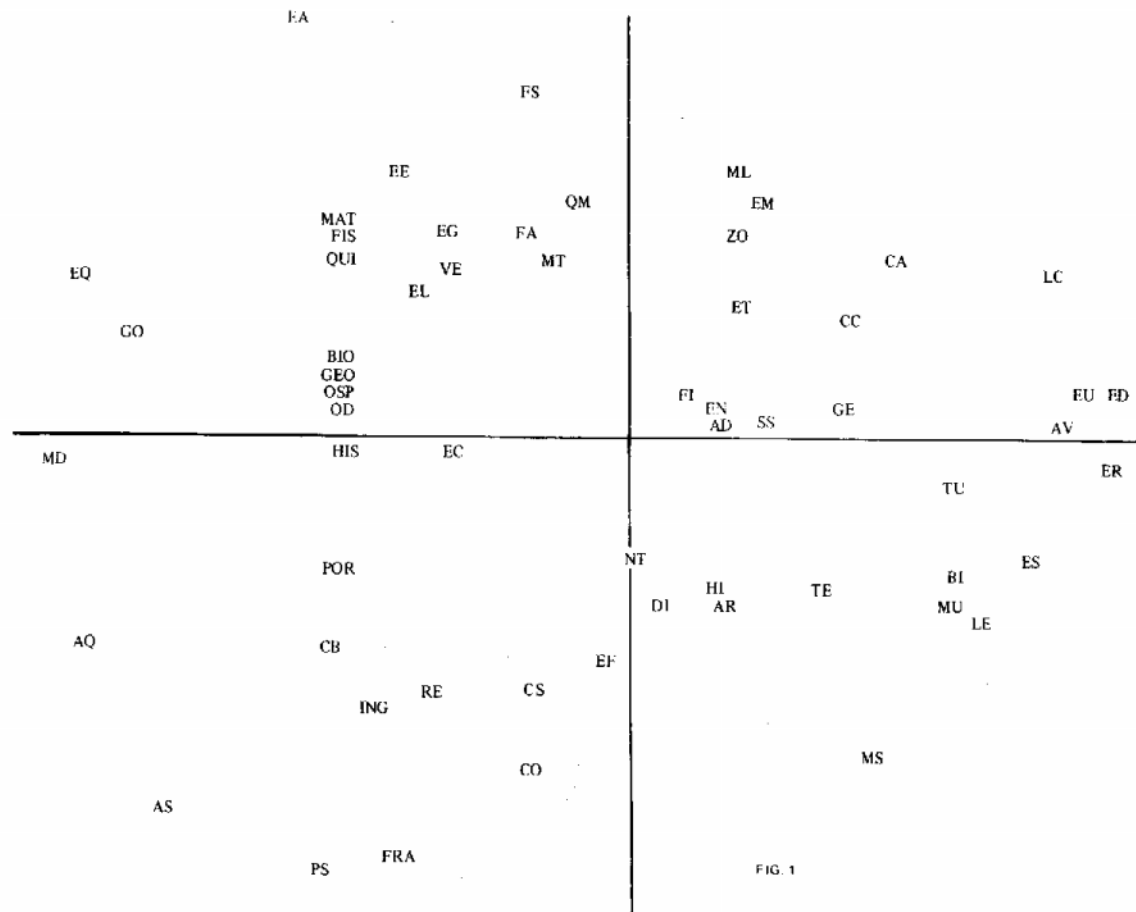


FIG. 1

SIGLA DA CARREIRA

- AD - Administração
- AO - Arquitetura
- AR - Artes
- AS - Astronomia
- AV - Arquivologia
- BI - Biblioteconomia
- CA - Ciências Agrícolas
- CB - Ciências Biológicas
- CC - Ciências Contábeis
- CO - Comunicação Social
- CS - Ciências Sociais
- DI - Direito
- EA - Engenharia Agrônômica
- EC - Economia
- ED - Educação
- EE - Engenharia
- EF - Educação Física Feminina
- EG - Engenharia Cartográfica
- EL - Engenharia Florestal
- EM - Educação Física Masculina
- EN - Enfermagem
- EQ - Engenharia Química
- ER - Educação Familiar
- ES - Educação Artística
- ET - Estatística
- EU - Estudos Sociais
- FA - Farmácia
- FI - Filosofia
- FS - Física
- GE - Geografia
- GO - Geologia
- HI - História
- LC - Licenciatura em Ciências de 1º e 2º Graus
- LE - Letras
- MD - Medicina
- ML - Meteorologia
- MS - Música
- MT - Matemática
- MU - Museologia
- NT - Nutrição
- OD - Odontologia
- PS - Psicologia
- QM - Química
- RE - Reabilitação
- SS - Serviço Social
- TE - Teatro
- TU - Turismo
- VE - Veterinária
- ZO - Zootecnia

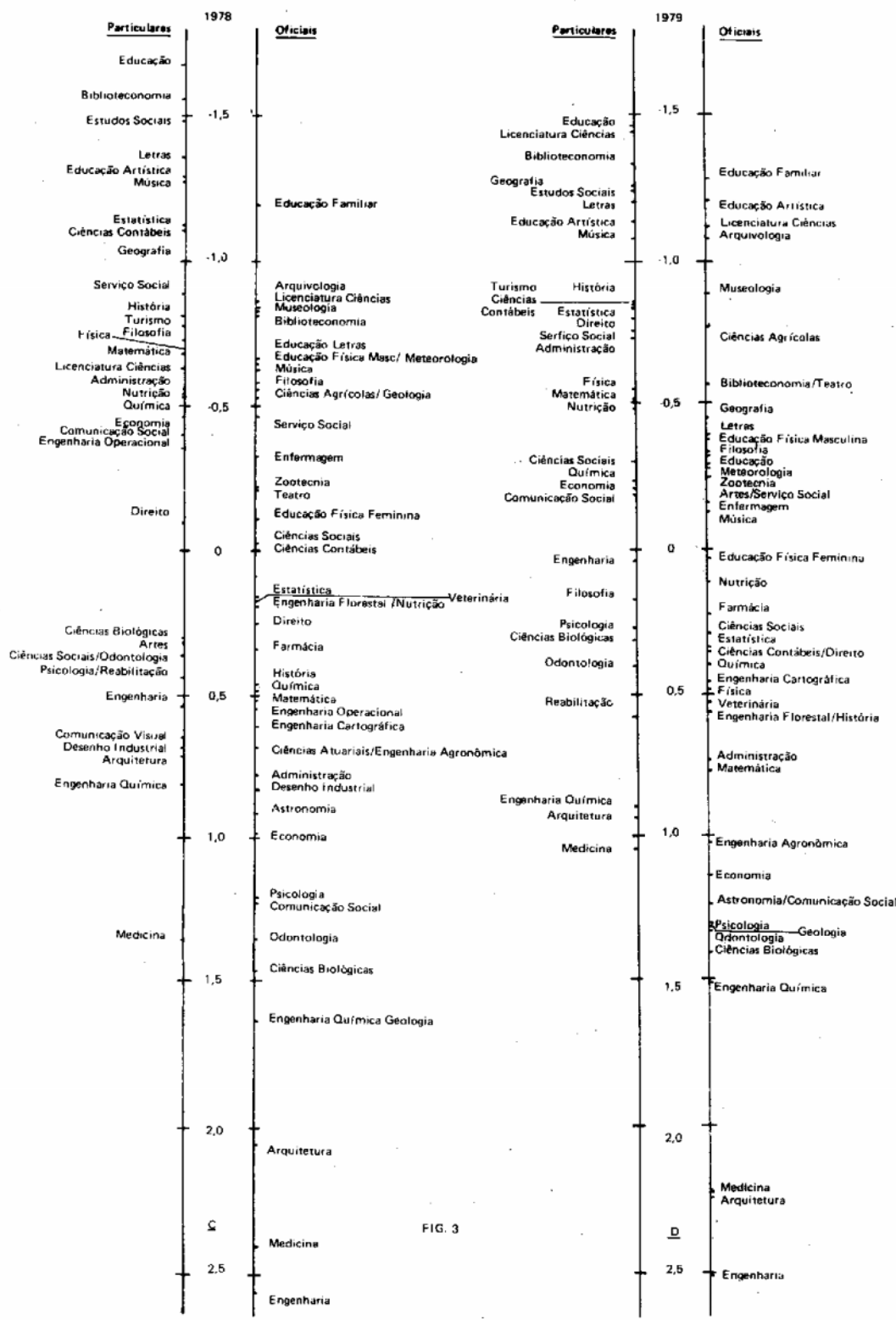


FIG. 3

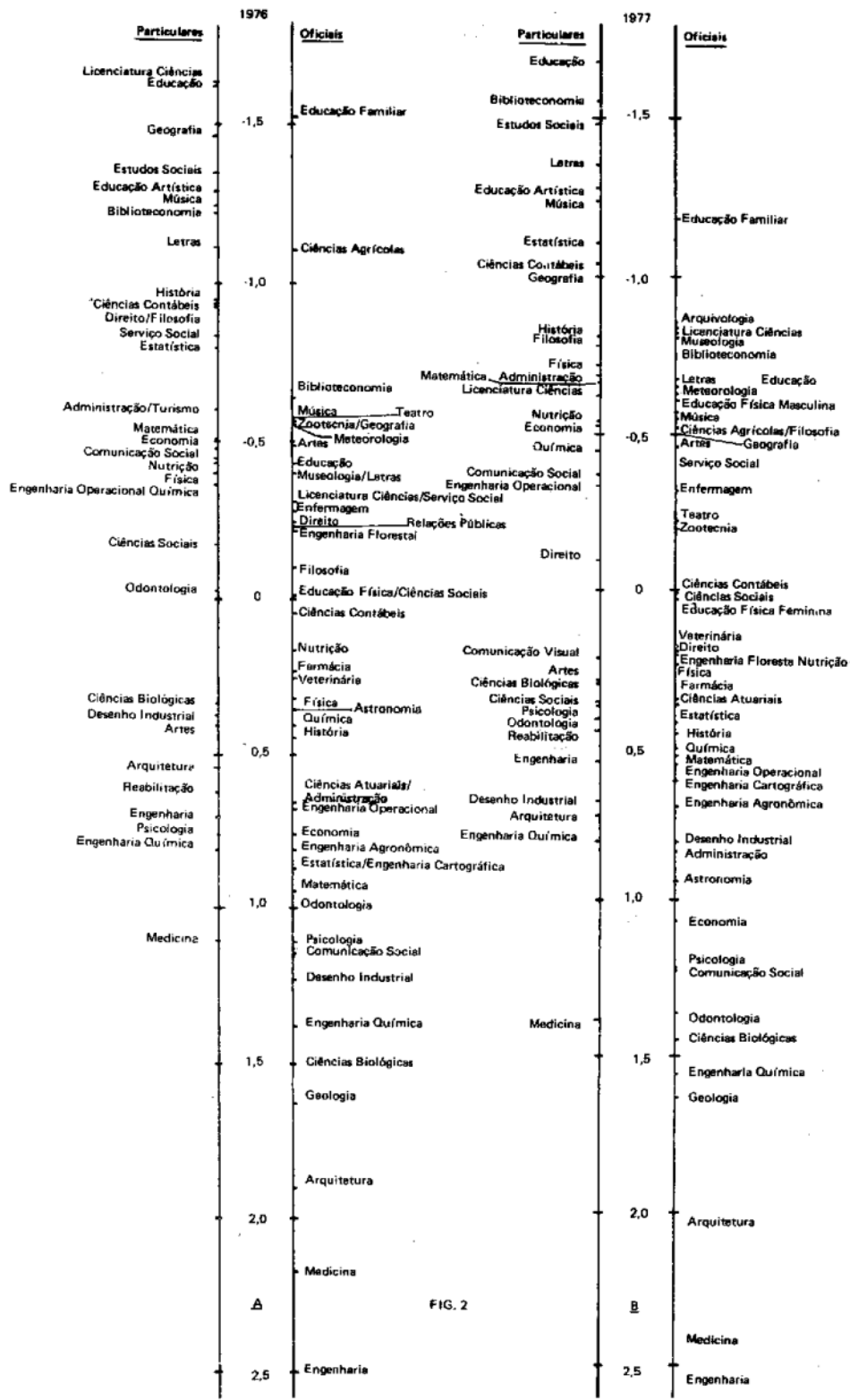


FIG. 2

TABELA 1

- Convenções dos símbolos das variáveis sócio-econômicas da figura 4.
- As convenções das carreiras são as mesmas da figura 1.

Instituições oficiais

Instituições particulares

Em que turno você cursa (ou cursou) o 2º Grau?

- T1 - Diurno
- T2 - Noturno
- T3 - Parte no diurno e parte no noturno

Qual é (ou era) o nível de instrução de seu pai?

- P1 - Nenhum ano de estudo
- P2 - Primário completo ou incompleto
- P3 - Ginásial incompleto
- P4 - Ginásial completo
- P5 - Colegial
- P6 - Superior

Qual é (ou era) o nível de instrução de sua mãe?

- M1 - Nenhum ano de estudo
- M2 - Primário completo ou incompleto
- M3 - Ginásial incompleto
- M4 - Ginásial completo
- M5 - Colegial
- M6 - Superior

Seu pai é (ou era):

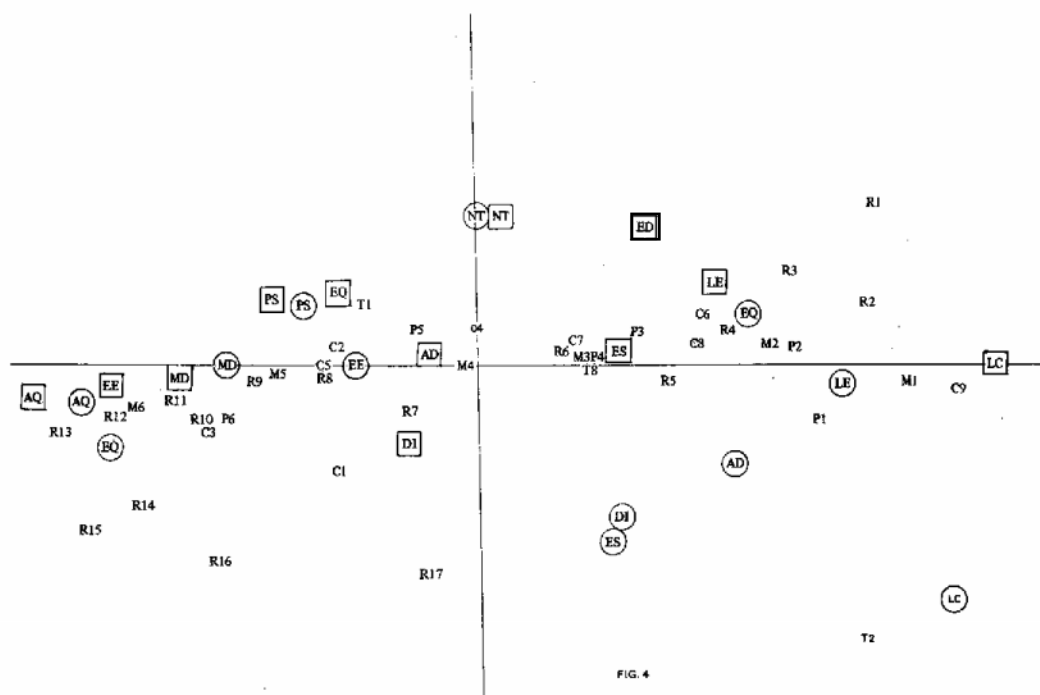
- C1 - Grande banqueiro, fazendeiro, industrial ou comerciante, incorporador de imóveis, grande acionista de uma grande empresa (mais de 100 empregados)
- C2 - Médio fazendeiro, industrial ou comerciante
- C3 - Profissional liberal (médico, engenheiro, advogado, professor universitário, jornalista, economista, etc.), alto funcionário público ou de banco (diplomata, diretor de banco não acionista, desembargador, juiz, etc.), alto funcionário de empresa privada (superintendente, diretor, etc.)
- C4 - Médio funcionário público ou privado (gerente, chefe de seção, etc.)
- C5 - Militar oficial
- C6 - Militar não oficial
- C7 - Pequeno proprietário (dono de bar, quitanda, açougue, padaria, oficina mecânica, banca de jornal, chofer dono de táxi, representante, vendedor ou corretor por conta própria, etc.)
- C8 - Bancário, pequeno funcionário público, escriturário, balconista, chofer de táxi (quando não é proprietário do veículo, etc.)
- C9 - Operário (isto é, trabalha em fábrica, diretamente com a máquina), servente, pedreiro, agricultor (isto é, trabalha em uma terra que não é sua, etc.)

Qual a renda total mensal de sua família?

Atenção: (Some todos os salários brutos - sem deduções - dos membros de sua família que trabalham e que estejam morando em sua casa. Inclua o seu salário, caso você trabalhe. Se você for casado, refira-se a sua própria família. Se você for solteiro, desquitado ou viúvo, e morar sozinho, refira-se a seu rendimento bruto).

- R1 - Até Cr\$ 4.530,00
- R2 - De Cr\$ 4.540,00 até Cr\$ 6.800,00

R3	- De Cr\$	6.810,00	até Cr\$	9.070,00
R4	- De Cr\$	9.075,00	até Cr\$	11.335,00
R5	- De Cr\$	11.340,00	até Cr\$	15.875,00
R6	- De Cr\$	15.880,00	até Cr\$	22.600,00
R7	- De Cr\$	22.680,00	até Cr\$	27.200,00
R8	- De Cr\$	27.220,00	até Cr\$	34.000,00
R9	- De Cr\$	34.050,00	até Cr\$	40.800,00
R10	- De Cr\$	40.850,00	até Cr\$	45.300,00
R11	- De Cr\$	45.360,00	até Cr\$	56.650,00
R12	- De Cr\$	56.700,00	até Cr\$	68.000,00
R13	- De Cr\$	68.100,00	até Cr\$	79.300,00
R14	- De Cr\$	79.380,00	até Cr\$	102.000,00
R15	- De Cr\$	102.100,00	até Cr\$	113.300,00
R16	- De Cr\$	113.400,00	até Cr\$	124.500,00
R17	- De Cr\$	124.740,00	até Cr\$	158.500,00
R18	- De Cr\$	158.760,00	até Cr\$	192.500,00
R19	- De Cr\$	192.780,00	até Cr\$	226.800,00
R20	- Mais de Cr\$	226.800,00		



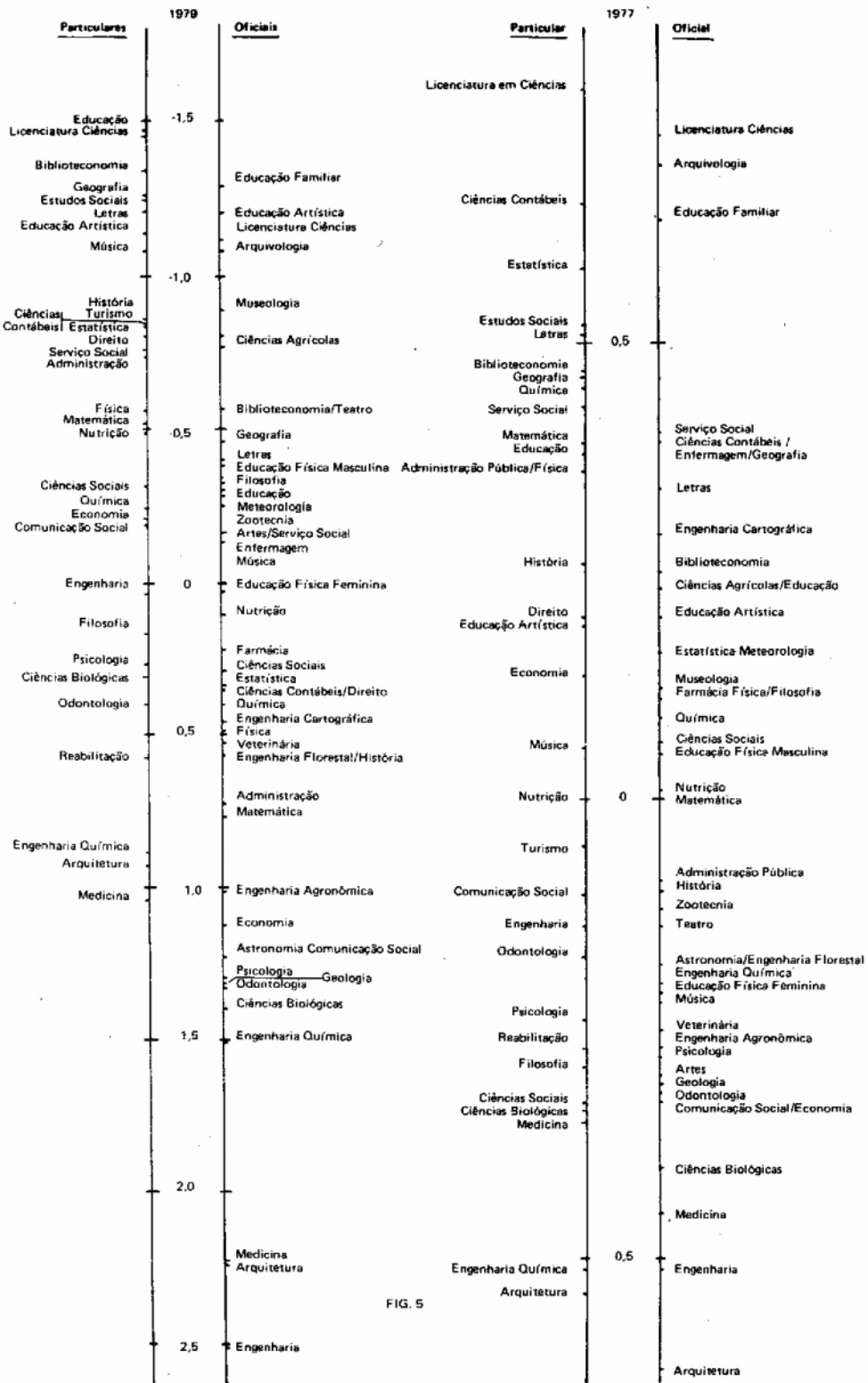


FIG. 5

FF 80 a 100 Fem
 F 80 a 79 Fem
 MF 41 a 59 Fem
 M 60 a 70 Masc
 MM 80 a 100 Masc

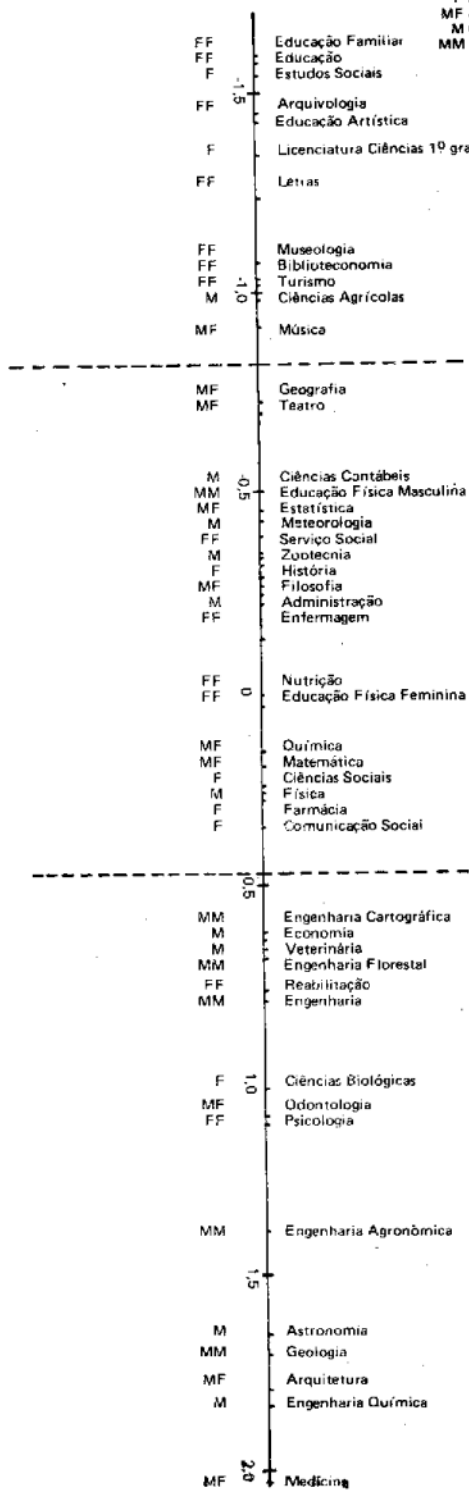
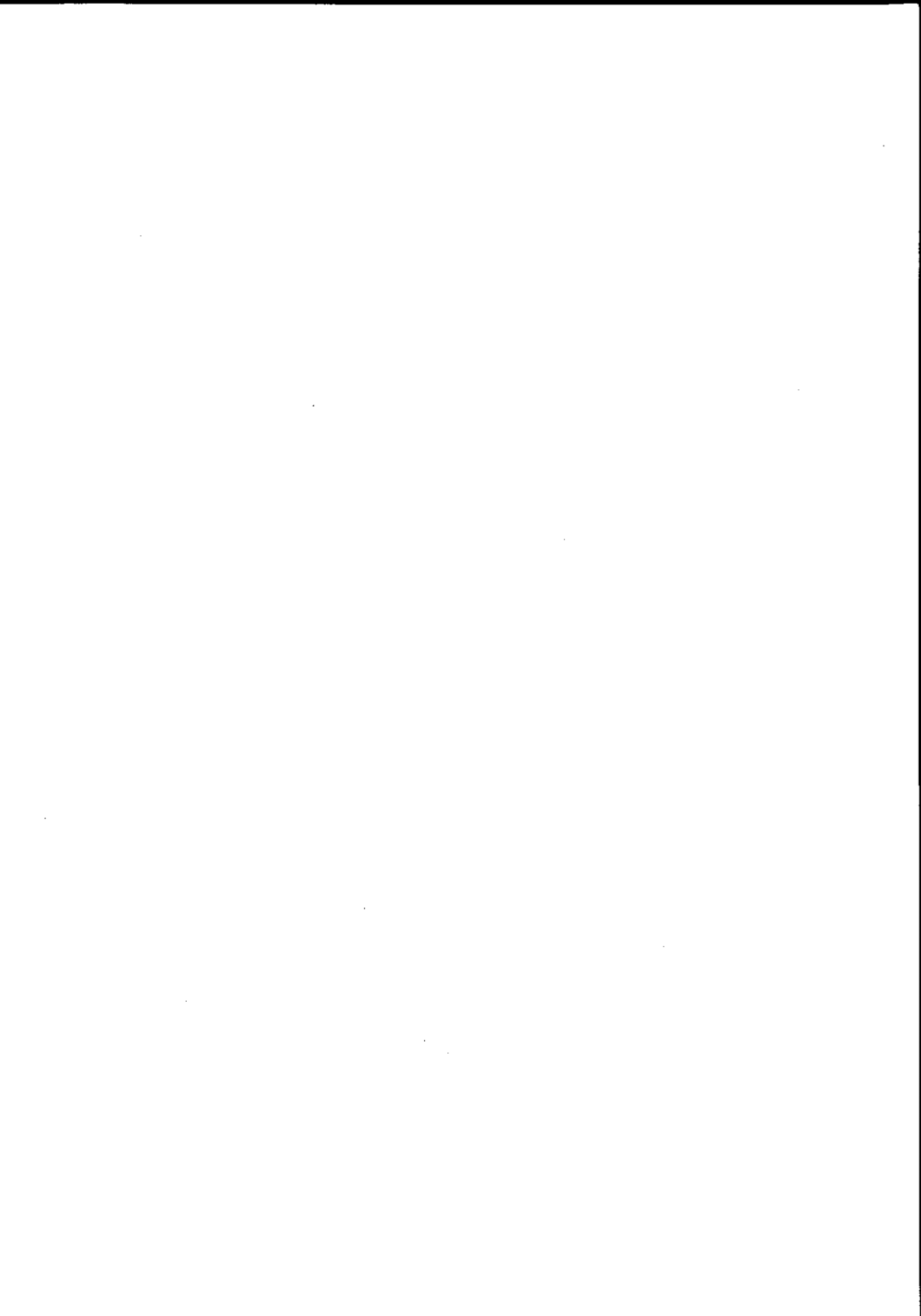


FIG. 6



CAUSAS DE DEFICIÊNCIAS NA EXPRESSÃO ESCRITA EM ALUNOS INGRESSOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA*

Cora Disconzi Rodrigues**
Gladys Therezinha Haubold**
Layr Maria Lang**

INTRODUÇÃO

A experiência de magistério universitário vivida nos últimos anos tem demonstrado, em relação à sintaxe da Língua Portuguesa, uma crescente deficiência dos alunos ingressos na Universidade Federal de Santa Maria. Tendo em vista a necessidade da expressão escrita em todos os setores de atividade humana e considerando o problema evidenciado inicialmente, julgou-se relevante a decisão por um assunto que visasse ao seguinte questionamento: Quais as causas das deficiências em sintaxe na expressão escrita dos alunos ingressos na Universidade Federal de Santa Maria?

É propósito desta pesquisa, atendendo à integração Universidade/1º e 2º graus, contribuir para uma reformulação nos métodos de abordagem do aspecto enfocado. Tal contribuição far-se-á demonstrando as falhas mais relevantes em sintaxe nos alunos egressos do 2º grau e determinando a origem dessas falhas.

Quanto à caracterização das deficiências, tomaram-se, como quadro referencial das possibilidades de estruturação da língua, os manuais de gramáticos como Evanildo Bechara, Celso Cunha e Rocha Lima. Esses autores abordam os processos característicos das estruturas oracionais — concordância, regência e colocação — fundamentando-se em certos princípios fixados na língua, na função sintática dos vocábulos e na importância destes para a comunhão das idéias.

Assim, tendo presentes os padrões convencionais da sintaxe da Língua Portuguesa e partindo de opiniões originadas de observações assistemáticas, formularam-se três hipóteses que caracte-

* Assessoria técnica de Maria de Lourdes Medeiros de Farias, do Departamento de Estatística da UFSM.

** Do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM.

rizam, como causas das deficiências em sintaxe na expressão escrita dos alunos ingressos na Universidade Federal de Santa Maria:

1ª — a prática insuficiente da expressão escrita no decorrer da vida escolar;

2ª — a carência de leitura;

3ª — aquisição inadequada das estruturas sintáticas da Língua Nacional.

Ressalte-se, ainda, que este trabalho procura oferecer, sobre o problema em questão, dados concretos com base em questionários e redações que foram submetidos a uma análise interpretativa.

1. COLETA DOS DADOS

O tema do presente trabalho situa-se dentro da área de Língua Portuguesa, sendo o seu universo de referência os alunos ingressos na Universidade Federal de Santa Maria, nos Cursos de Letras, Pedagogia, Estudos Sociais, Medicina, Engenharia, Administração e Agronomia.

Colheram-se os dados em duas etapas: a 1ª, no 2º semestre de 1977; a 2ª, no 1º semestre de 1978. Deve-se salientar que tanto os alunos da 1ª etapa como os da 2ª não haviam recebido, nesta Universidade, nenhum esclarecimento a respeito de comunicação escrita.

Trabalhou-se com uma amostra aleatória de 170 alunos, aos quais foram aplicados exercício de redação e questionários.

2. ORGANIZAÇÃO E EXPOSIÇÃO DOS DADOS

As redações, que perfizeram a média de 15 linhas, versaram sobre dois temas opcionais. Ao serem corrigidas, nelas detectaram-se 2.538 erros de sintaxe, o que evidencia a existência de 14,90 erros por redação e 0,99 por linha, em média.

O questionário, que se constitui de 33 quesitos, é apresentado a seguir com suas respectivas respostas, distribuídas em número e percentual, a fim de possibilitar um melhor relacionamento entre as questões propostas e os resultados obtidos.

1 — Ao ser solicitado a escrever, você encontra dificuldade?

() Sim. () Não.

Tabela I

QUESTÃO 1	Nº	%
Sim	114	67,1
Não	56	32,9

2 — Em caso afirmativo, esse problema é motivado por:

() deficiência de vocabulário.

() dificuldade na estruturação da frase.

() ausência de idéias.

Obs.: Nesta questão, colocou-se uma nota possibilitando ao aluno assinalar mais de uma alternativa.